

Damon Salvatore estava recostado no ar, isto é, sustentado por um galho de... E quem sabia nomes de árvores? Quem ligava para isso? Era alta e lhe permitia espiar o quarto de Caroline Forbes no terceiro andar, além de lhe proporcionar um apoio confortável para as costas. Ele se recostou na forquilha da árvore, as mãos entrelaçadas na nuca, uma das pernas com uma bota elegante pendendo a 9 metros do chão. Estava tão à vontade quanto um gato, de olhos semicerrados, e observava.

Esperava pelo momento mágico das 4h44 da manhã, quando Caroline faria seu ritual bizarro. Ele já o vira duas vezes e ficou enfeitiçado.

E então ele sentiu uma picada de mosquito.

O que era ridículo, porque os mosquitos não picavam vampiros. Seu sangue não era nutritivo como o dos humanos. Mas sem dúvida parecia uma picadinha de mosquito na nuca.

Ele girou para ver o que havia atrás, sentindo a agradável noite de verão — e não viu nada.

Viu apenas as agulhas de alguma conífera. Não havia nada voando. Nada andava por ali.

Então, tudo bem. Deve ter sido a agulha de uma conífera. Mas doeu, não havia dúvidas. E a dor piorava com o tempo.

Uma abelha suicida? Damon tateou com cuidado a nuca. Nenhuma bolsa de veneno, nenhum ferrão. Só um pequeno inchaço mole e dolorido.

Um instante depois, sua atenção voltou à janela.

Damon não sabia bem o que ia acontecer, mas pôde sentir, subitamente, o Poder em volta de uma Caroline adormecida, como um fio de alta tensão. Há vários dias isso o atraía a este lugar, mas depois que chegava ele não conseguia situar a origem.

O relógio bateu 4h40 e soou o despertador. Caroline acordou e parecia matar insetos pelo quarto.

Garota de sorte, pensou Damon, com um apreço malicioso. Se eu fosse um bandido humano e não um vampiro, sua virtude — supondo que lhe reste alguma — estaria em perigo. Felizmente para você, tive de abrir mão desse tipo de coisa há quase meio milênio.

Damon abriu um sorriso para nada em particular, manteve-o por uma fração de segundo e o apagou, os olhos negros esfriando. Ele olhou novamente pela janela aberta.

Sim... Ele sempre sentiu que o idiota do irmão mais novo, Stefan, não gostava o bastante de Caroline Forbes. Não havia dúvida de que a menina valia ser observada: pernas e braços longos e dourados, um corpo bem-feito e cabelo acobreado que caía em ondas no rosto. E havia também sua mente. Naturalmente distorcida, vingativa, rancorosa. Uma delícia. Por exemplo, se ele não estivesse equivocado, ela estava trabalhando com bonequinhas de vodu na mesa bem ali.

Excelente.

Damon gostava de ver um trabalho artístico.

O poder estranho ainda estava ali, e ele ainda não conseguia situá-lo. Era por dentro — na *menina*? Claro que não.

Caroline pegava apressadamente o que pareciam algumas teias de aranha de seda verde. Ela tirou a camiseta e — quase rápido demais para os olhos de um vampiro — vestiu uma lingerie que a deixava parecida com uma princesa da selva. Olhava atentamente o próprio reflexo em um espelho vertical de corpo inteiro.

E agora, o que você *pode* estar esperando, garotinha?, perguntou-se Damon.

Bom — ele bem que podia continuar discreto. Houve um pal-pitar de sombras, uma pena cor de ébano caiu no chão, e só o que havia ali era um corvo excepcionalmente grande, empoleirado na árvore.

Damon observou com a atenção de um olho de ave brilhante enquanto Caroline avançava de repente como se tivesse recebido um choque, os lábios separados, o olhar fixo no que parecia o próprio reflexo.

Depois ela sorriu, cumprimentando-o.

Damon agora conseguia situar a origem do Poder. Estava dentro do espelho. Não na mesma *dimensão* do espelho, certamente, mas contido nele.

Caroline se comportava de um jeito... estranho. Atirou para trás o comprido cabelo cor de cobre, para que caísse numa desordem magnífica pelas costas; lambeu os lábios e sorriu como quem se dirige a um amante. Quando falou, Damon a ouviu com clareza.

— Obrigada. Mas está atrasado.

Ainda não havia ninguém no quarto além dela, e Damon não ouviu resposta alguma. Mas os lábios de Caroline no espelho não se mexiam em sincronia com os lábios da menina real.

Bravo!, pensou ele, sempre disposto a apreciar um novo truque nos humanos. Muito bom, seja lá quem você for!

Lendo as palavras nos lábios da menina do espelho, ele pegou algo como *desculpe*. E *linda*.

Damon tombou a cabeça de lado.

O reflexo de Caroline dizia: "... você não *precisaria*... depois de hoje".

A verdadeira Caroline respondeu com a voz rouca.

— Mas e se eu não conseguir enganá-los?

E o reflexo: "... consiga ajuda. Não se preocupe, relaxe..."

— Tudo bem. E ninguém vai ter, tipo assim, *um ferimento fatal*, vai? Quero dizer, não estamos falando da morte... de *humanos*.

O reflexo: "E por que estaríamos...?"

Damon sorriu por dentro. Quantas vezes ouviu diálogos como *este*? Sendo ele mesmo como uma aranha, Damon sabia: primeiro prende-se a mosca na teia; depois a tranquiliza; e antes que ela se dê conta, você pode ter tudo, até não *precisar* mais dela.

E então — com os olhos pretos cintilando — estava na hora de uma nova mosca.

Agora as mãos de Caroline se retorciam no colo.

— Desde que você... sabe o quê. O que você prometeu. Você foi mesmo sincero quando disse que me amava?

“... confie em mim. Vou cuidar de você... e também de seus inimigos. Eu já comecei...”

De repente Caroline se espreguiçou, e de um jeito que os meninos da Robert E. Lee High School pagariam para ver.

— É isso que eu quero ver — disse ela. — Estou *tão* enjoada de ouvir Elena isso, Stefan aquilo... E agora vai começar tudo de novo.

Caroline se interrompeu abruptamente, como se alguém tivesse desligado o telefone na cara dela e só agora ela tivesse percebido. Por um momento seus olhos se estreitaram e os lábios cerraram. Depois, lentamente, ela relaxou. Os olhos continuaram no espelho e uma das mãos se ergueu, pousando de leve na barriga. Ela a olhou e, devagar, suas feições começaram a abrandar, a derreter numa expressão de apreensão e angústia.

Mas Damon não tirou os olhos do espelho nem por um segundo. Espelho normal, espelho normal, espelho normal — *lã era!* No último instante, enquanto Caroline se virava, um clarão vermelho.

Chamas?

Mas o que *estaria* havendo?, pensou ele preguiçosamente, palpitando ao passar de um corvo preto e lustroso para um jovem lindo de morrer, recostado num galho alto da árvore. Certamente a criatura do espelho não era de Fell's Church. Mas parecia significar problemas para o irmão de Damon, e por um segundo um sorriso frágil e bonito tocou seus lábios.

Não havia nada que ele gostasse mais do que ver o hipócrita metido a santo *sou-melhor-do-que-você-porque-não-bebo-sangue-humano* do Stefan se meter em problemas.

Os adolescentes de Fell's Church — e alguns adultos — consideravam a história de Stefan Salvatore e sua bela namorada local Elena Gilbert um Romeu e Julieta dos tempos modernos. Ela dera a vida para salvá-lo quando os dois foram capturados por um maníaco, depois ele morreu de desilusão amorosa. Havia até cochichos de que Stefan não era lá *muito* humano... Mas outra coisa. Um amante demônio que Elena redimiu com sua morte.

Damon sabia da verdade. Era verdade que Stefan estava morto — tinha morrido há centenas de anos. E era verdade que ele era vampiro, mas chamá-lo de demônio era como considerar a Fada Sininho armada e perigosa.

Enquanto isso, Caroline não conseguia parar de falar para o quarto vazio.

— Espere aí — sussurrou ela, aproximando-se da pilhas de papéis e livros desorganizados que tomavam sua mesa.

Ela vasculhou a papelada até encontrar uma minicâmera de vídeo em que uma luz verde brilhava para ela como um único olho que não piscava. Delicadamente, ela conectou a câmera ao computador e começou a digitar uma senha.

A visão de Damon era muito melhor do que a humana e ele pôde ver com exatidão os dedos bronzeados de unhas compridas e cor de bronze: CFARRASA. Caroline Forbes arrasa, pensou ele. Que sofrível.

Caroline se virou e Damon viu lágrimas em seus olhos. Em seguida, inesperadamente, ela estava aos prantos.

Ela se sentou na cama, chorando e se balançando, de vez em quando golpeando o colchão com o punho cerrado. Mas na maior parte do tempo chorava sem parar.

Damon ficou sobressaltado. Mas depois que passou o susto ele murmurou:

— Caroline? Caroline, posso entrar?

— O quê? Quem? — Ela olhou freneticamente em volta.
— É Damon. Posso entrar? — perguntou ele, a voz pingando uma falsa simpatia, ao mesmo tempo usando o controle da mente em Caroline.

Todos os vampiros tinham poderes capazes de controlar os mortais. Era ótimo que o poder dependesse de muitas coisas: da dieta do vampiro (o sangue humano era muito mais potente), da força de vontade da vítima, da relação entre o vampiro e a vítima, das flutuações do dia e da noite — e de muitas outras coisas que nem Damon chegava a entender. Ele só sabia quando sentia despertar seu próprio Poder, e ele estava despertando agora.

E Caroline esperava.

— Posso entrar? — disse ele no tom mais musical e sedutor, ao mesmo tempo esmagando a força de vontade de Caroline sob a dele, muito mais poderosa.

— Sim — respondeu ela, enxugando rapidamente os olhos, aparentemente sem ver nada de incomum em Damon entrando por uma janela do terceiro andar. Eles se fitaram nos olhos. — Entre, Damon.

Ela pronunciara o convite necessário para um vampiro. Com um movimento elegante, ele pulou o peitoril. O interior do quarto tinha cheiro de perfumes — e não era nada sutil. Ele agora se sentia muito selvagem — era surpreendente como a febre de sangue aparecia de modo tão repentino e irresistível. Seus caninos se estenderam em quase metade de seu tamanho e as pontas eram afiadas com navalha.

Não havia tempo para conversar, para se demorar como Damon costumava fazer. Para um gourmet, é claro que metade do prazer estava na expectativa, mas agora era uma *necessidade*. Ele utilizou intensamente o Poder que tinha para controlar o cérebro humano e abriu um sorriso estonteante para Caroline.

Foi o que bastou.

Caroline avançava para ele, mas de repente parou. Os lábios, parcialmente abertos para fazer uma pergunta, continuaram separa-

dos; e as pupilas de repente se dilataram como se ela estivesse num quarto escuro, depois se contraíram e continuaram contraídas.

— Eu... Eu... — tentou falar. — Ooohhh...

Pronto. Ela era dele. E com tanta facilidade.

As presas de Damon latejavam com uma dor agradável, um desconforto terno, chamando-o a atacar com a velocidade do bote de uma cobra, afundar inteiramente os dentes numa artéria. Ele estava com fome — não, *morto de fome* — e todo seu corpo ardia do impulso de beber profusamente. Afinal, havia outras para escolher, se ele secasse este vaso.

Com cuidado, sem tirar os olhos dela, ele levantou a cabeça de Caroline para expor o pescoço, vendo a pulsação doce latejando em sua depressão. Isto encheu todos os sentidos de Damon: as batidas do coração, o cheiro do sangue exótico pouco abaixo da superfície, denso, maduro e doce. A cabeça de Damon girava. Ele nunca ficou tão excitado, tão ansioso...

Tão ansioso que o fez parar. Afinal, uma menina era tão boa quanto qualquer outra, não é? Que diferença havia desta vez? Qual era o *problema* dele?

E então ele entendeu.

Terei minha mente de volta, obrigado.

De repente a mente de Damon voltara a ser fria como gelo; a aura sensual em que estivera preso se dissipou. Ele largou o queixo de Caroline e ficou imóvel.

Ele quase tinha caído sob a influência da coisa que usava Caroline. Ela tentara seduzi-lo a quebrar a promessa feita a Elena.

E novamente viu um risco vermelho no espelho.

Era uma daquelas criaturas atraídas ao centro de poder que Fell's Church se tornara — ele sabia disso. Estivera usando-o, incitando-o, tentando conseguir que ele esvaziasse Caroline. Que tirasse todo o seu sangue, matasse uma humana, algo que ele não fazia desde que conheceu Elena.

Por quê?

Numa fúria gélida, ele se controlou e sondou com a mente em todas as direções, tentando descobrir o parasita. Ainda devia estar ali; o espelho era só um portal para que percorresse pequenas distâncias. E estivera controlando Damon — *ele, Damon Salvatore* —, então devia estar bem perto.

Ainda assim, ele não conseguiu encontrar nada. Isso o deixou ainda mais colérico do que antes. Passando os dedos distraidamente pela nuca, ele mandou uma mensagem sombria:

Vou avisá-lo uma vez, e só uma vez. Fique longe de MIM!

Ele enviou o pensamento como uma explosão de Poder que brilhou como um raio a seus próprios sentidos. Deve ter atingido alguma coisa próxima — vinda do teto, do ar, de um galho... Talvez até do quarto ao lado. Em *algum lugar*, uma criatura deve ter caído no chão e ele devia sentir.

Mas embora Damon pudesse sentir as nuvens se escurecendo no alto em resposta a seu estado de espírito e o vento roçando os galhos lá fora, não houve a queda de um corpo, nem uma tentativa de retaliação mortal.

Ele não sentia nada perto o bastante para ter entrado em seus pensamentos e nada a distância que pudesse ser tão forte. Damon às vezes se divertia fingindo ser fútil, mas por dentro tinha uma capacidade lógica e fria de analisar a si mesmo. Ele era forte. Sabia disso. Desde que se mantivesse bem nutrido e livre de sentimentos de fraqueza, poucas criaturas podiam se opor a ele — pelo menos neste plano.

Duas estavam bem aqui em Fell's Church, apartou uma vozinha um tanto insolente em sua mente, mas Damon afugentou-a, com desdém. Sem dúvida não poderia ser outro vampiro dos Antigos por perto, ou ele os sentiria. Vampiros comuns, sim, eles já apareciam aos bandos. Mas eram fracos demais para entrar na mente *dele*.

Damon tinha a mesma certeza de que não havia criatura a seu alcance que o pudesse desafiar. Ele teria sentido, assim como sentiu as linhas de força flamejantes de poder mágico e misterioso que formavam um ponto de conexão sob Fell's Church.

Ele olhou novamente para Caroline, ainda imóvel sob o transe em que a colocara. Ela sairia dele aos poucos e não estaria pior pela experiência — ao menos pelo que *ele* fez a ela.

Damon se virou e, com a elegância de uma pantera, pulou da janela para a árvore — e caiu facilmente de pé no chão, a 9 metros de distância.